

IDEOLOGIA E MUDANÇA DE IDENTIDADE NA TELEVISÃO POLÍTICA*

Norman Fairclough

Este trabalho é uma análise de parte de um programa político de televisão que vai ao ar tarde da noite, com o nome de *Midnight Special*, transmitido durante a campanha da Eleição Geral britânica de abril de 1992 no canal 4. O repórter é o conhecido apresentador de TV, a 'personalidade' Vincent Hanna, e esta parte do programa caracteriza um painel do MPs, com um representante de cada um dos três principais partidos (Conservador, Trabalhador, Liberal-Democrata). Deixe-me resumir as colocações deste trabalho. Gostaria de dizer que, a meu ver, o programa *Midnight Special* é complexo, criativo e interdiscursivamente produtivo, na sua prática discursiva. Isto é manifestado pela mistura de gêneros e discursos, incluindo a mistura dos elementos de (i) entrevista política convencional, (ii) conversa simulada e (iii) entretenimento - atuação, 'ato', incluindo, até mesmo, recursos cômicos. Segundo Tolson (1991), poderíamos considerar os itens (ii) e (iii) como constituintes de um "bate-papo", entendido por

* Este trabalho é baseado na apresentação da conferência sobre discurso da mídia na Universidade de Strathclyde, em setembro de 1992. Agradeço os comentários de outros participantes na minha apresentação.

Tolson como uma versão institucionalizada de conversação que serve como uma forma de entretenimento (veja a seguir). A mistura genérica e discursiva da prática discursiva se realiza textualmente como heterogeneidade: o texto é heterogêneo nos seus significados (ideacional e interpessoal, e nos aspectos de identidade e relacional do último), e nas suas realizações nas formas do texto. A complexidade e a criatividade da prática discursiva está de acordo com a prática sócio-cultural complexa, instável e inovadora da qual faz parte. Dito de outra maneira, as contradições da prática sócio-cultural e discursiva se manifestam na heterogeneidade do texto. A prática discursiva representa uma tendência mais geral que leva a representar a ordem do discurso de comunicação especialmente através de uma nova demarcação dos limites entre as práticas discursivas (e ordens do discurso) e na esfera pública política tradicional, na esfera particular da "vida mundana", e na mídia enquanto instituição de entretenimento. Esta re-estruturação das ordens de discurso é uma das facetas de uma re-estruturação mais generalizada das relações entre estes domínios da vida. Poder-se-ia ver isto em termos da possível emergência de uma nova estrutura hegemônica no domínio da política e da comunicação política, e das mudanças ideológicas associadas, que afetam as identidades sociais, as relações sociais, e o conhecimento (veja a seguir).

Minha análise deverá focar um aspecto do programa que se seguiu imediatamente a uma reportagem sobre a transmissão da Eleição do Partido Conservador, centrada nas origens e na personalidade do Primeiro Ministro, John Major. O trecho é um debate sobre esta reportagem entre Vincent Hanna, o apresentador, e Jonathan Aitken (Conservador), Robin Corbett (Trabalhador) e Simon Huges (Liberal-Democrata).¹ Comentarei este trecho com outros posteriormente. Meus objetivos principais na análise

¹ As pausas são indicadas com pontos, um para pausa curta e dois para pausa longa. As superposições são representadas por um quadro em colchetes. A conversa que não é clara está indicada em colchetes, assim como as vocalizações, tais como gargalhadas. Aspectos não-verbais da comunicação simultânea com conversa (incluindo gargalhadas) são marcados na margem, e seu início e término no texto são marcadas respectivamente por "/" e "#".

deste primeiro trecho são os de ilustrar a mistura de gêneros referida anteriormente, demonstrar como ela se realiza através de significados e formas textuais heterogêneas, que constituem identidades, relações sociais e conhecimentos, de maneira complexa e contraditória, e sugerir que a ambivalência e a disfluência são dois traços notadamente significantes deste discurso genericamente misto.

(conversa e riso)

VH: /excelente trabalho esse de Fiona Murch# a correspondente de artes . do noticiário do Canal 4. Agora ... você me pareceu durante aquele momento como se você não estivesse certo se ria ou vomitava /rindo#

5 JA: / bem, eu darei um Oscar para ele (*gargalhada*) . de uma forma justa . (*rindo*) achei bem atraente, quero dizer, é uma boa estória, você tem que admitir isso, é boa, você tem que admitir isso /rindo#

VH: [Sim

JA: [o rapaz de Brixton que chegou ao número 10e² : saiu da escola 10 aos 16

- JA: uhm . e (fez pausa) quero dizer, eu me pergunto quantos . votos há nisso
no, quero dizer . acho que na última eleição nós justamente vimos uma
30 p-pequena amostra disso, à transmissão de . Neil Kinnock com a 9ª de
Beethoven, era uma
- VH: [certo
- JA: [brilhante [peça de /rindo#
- VH: [Brahms, a 1ª. de Brahms
- 35 JA: / não, era a 9ª de Beethoven
- VH: não
- JA: de qualquer modo . não vamos discutir a música # mas era uhm a
apresentação de Kinnock era esplêndia uhm e de um brilho que
certamente eu não vira nele antes # e . não no final não conseguiu um /rindo
voto
- 40 JA: que valesse dois ou meio / centavos quero dizer que acho /sóbrio#
que seja parte de um zumzumzum eleitoreiro./ O povo britânico não é
enganado pela apresentação de . nenhum . diretor. Penso que no fundo, /gargalhando#
são as questões eh e as coisas substanciais que contam #
- VH: bem, de um jornalista experiente para um outro. / Ro# Robin Corbett

Gostaria de começar com a prática discursiva e a mistura de gêneros. Um ponto preliminar é que os gêneros utilizados num texto podem se relacionar de vários modos. Neste trecho, temos tanto interdiscursividade "seqüencial" quanto "misturada" (Fairclough, 1992a:118); até um certo ponto, há uma alternância seqüencial entre as partes do texto que parecem ser essencialmente uma entrevista política ou essencialmente um "bate-papo"; porém, muitas partes específicas do texto (mesmo frases individuais) também são interdiscursivamente misturadas.

A mais óbvia presença do gênero da entrevista política convencional na parte do programa, da qual o trecho é extraído, é o controle exercido por VH sobre a tomada de turno e o tópico. Nesta parte do programa, que está localizada entre duas reportagens, VH interage com cada um dos políticos por vez. Embora VH não faça sempre perguntas, sua conversa de fato conta como elicitções que requerem (e recebem) uma resposta de tópico; assim, enquanto existe uma pergunta direta nas linhas 21-22 ("*you* acha embaraçoso que os líderes do partido se rebaixem a esse tipo de"), as contribuições de VH nas linhas 2-3 ("*you* me pareceu como se *you* não estivesse certo se ria ou vomitava") e na linha 16 ("*you* esquivando-se nervosamente da pergunta, Jonathan") não são perguntas, mas ainda assim são elicitções requerendo respostas. A informação na linha 14 também poderia ser tomada como cumprindo com a responsabilidade convencional do entrevistador de sancionar a um entrevistado que não responde 'a pergunta'. Mas se for uma sanção - está muito abrandada pelo humor e pelo tratamento pelo primeiro nome³ - a dificuldade para o intérprete é saber se os procedimentos interpretativos associados à entrevista política convencional aplicam-se neste caso, dada a ambivalência generalizada de gênero (veja a seguir na ambivalência).

Há ainda elementos do discurso político notadamente nas linhas 39-40, que consistem de duas formulações da produção de discurso político ("*the* povo britânico não é enganado pelo"; "*at* fundo é, as questões... que contam"). A mudança para o discurso político é

³ O tratamento pelo primeiro nome denota intimidade, a rigor deveria ser o sobrenome.

marcada pelo "mas" na linha 39, e é acompanhada por uma mudança para um pronunciamento mais medido, e uma expressão facial mais sóbria que JA mantém enquanto a câmera o focaliza, mesmo depois de ter terminado de falar. Embora não tenha espaço para desenvolver esta dimensão da análise aqui, discursos e gêneros diferentes implicam diferenças lingüísticas, bem como corporais, e um texto que mistura gêneros e discursos pode requerer corporalidades complexas e híbridas (Thread-gold, 1990).

Voltando aos elementos conversacionais na mistura de gêneros, antes que VH fale há um fragmento de conversa e risada (de RC, acho), presumivelmente provocado pela reportagem, e a primeira palavra de VH ("excelente") é dita de forma audivelmente sorridente, e, na verdade, ele está sorrindo, vangloriando-se da primeira parte de sua contribuição. Tais características não seriam problemáticas na conversa, mas não são esperadas em uma entrevista política convencional, e o mesmo é verdadeiro para a elicitación dirigida por VH a JA ("*você me pareceu durante aquele momento como se não estivesse certo se ria ou vomitava*"), em termos de sua força (é um comentário a respeito da aparente reação de JA à reportagem), do uso de uma fórmula conversacional para referir-se a alguém surpreendido pelos fatos ("X parecia não saber se y ou z"), e do estilo (observe a seleção lexical de "*levantar*"), assim como talvez da ausência de uma nomenclatura explícita de JA para responder. Também é conversacional no sentido de arrancar uma resposta pessoal de JA "como indivíduo" ao invés de alguém que ocupa um cargo político (representante do Partido Conservador); um político normalmente não sentiria necessidade de responder a este comentário de modo pessoal, mesmo que fosse feito. Ambos, VH fazendo o comentário, e JA, respondendo a ele de modo pessoal, demonstram uma orientação para um co-envolvimento conversacional mais como indivíduos do que como portadores de um papel. Uma característica notável deste fragmento e do trecho em geral, que indica esta orientação conversacional mais para a pessoa do que para a posição, é a densidade das cláusulas de "processo mental" (Halliday, 1985). Algumas das frases verbais de processo mental são: "*pareceu*" (2), "*estivesse certo*" (2-3), "*pareceu*" (5), "*eu pensaria*" (11), "*estou ansioso*" (14), "*você acha*" (20), "*acha*" (20), "*me pergunto*" (27). Uma boa parte delas opera modalmente como o que Halliday define como marcadores de modalidade "subjativa", ressaltando a

base subjetiva do compromisso para com as proposições (há um exemplo disto mesmo no gênero do discurso político nas linhas 39-40, conforme minha sugestão inicial quanto à existência de uma mistura interdiscursiva). Mais uma característica convencional da fala de VH são as respostas que ele dá durante as intervenções de JA, nas linhas 7 ("*sim*"), 26 ("*muito bem OK*"), e 30 ("*bem*"). Observe também como a elicitación de VH na linha 14 "bate" com o fim da contribuição de JA, dando a ela a força de uma réplica. Na discordância acerca da música (linhas 28-29), tanto a interrupção de VH a JA para corrigi-lo, quanto a asserção de JA e a resposta irônica são novamente mais típicas de uma conversa do que de uma entrevista política convencional.

A elicitación/comentário da abertura de VH ("*you me pareceu como se você não estivesse certo se ria ou vomitava*") é também humorística, dita de um modo inexpressivo e irônico, que faz parte do estilo de VH (e de sua "personalidade" famosa), e talvez faça parte do ethos comunicativo do programa. (Este talvez seja um exemplo típico de como a "personalidade" pode se transformar em "imagem do produto" no mercado do lazer, mostrando assim que a preocupação com a personalidade na mídia contemporânea não implica necessariamente uma preocupação substancial com os indivíduos, embora seja freqüentemente apresentada como sendo assim). O humor é o principal elemento desta parte do programa e é sistematicamente marcado pelos participantes através de seus sorrisos e gargalhadas. Embora, naturalmente, haja humor em programas políticos convencionais tais como *Question Time*, ele é casual, enquanto que aqui, o humor é a característica básica que sustenta a conversa. Este é um elemento do "bate-papo" no programa, uma espécie de conversa espirituosa, que, ao mesmo tempo, é diversão e atuação. Nas linhas 16-18, as respostas de humor de JA para as elicitaciones (humorísticas) de VH ("*qual é a pergunta*") têm o ritmo rápido de um jogo de réplicas numa comédia em dois atos. Até mesmo as partes aparentemente mais sérias do programa têm um humor subjacente, por exemplo, na resposta séria de JA à pergunta (séria) de VH, nas linhas 19-36, há elementos irônicos (e.g., "*vimos um a pequena amostra disso aí*", linhas 28-29). As regras básicas do programa parecem exigir que a conversa política séria não se estenda por mais de alguns segundos sem ser "suavizada" pelo humor (veja a seguir). Há uma correspondência generalizada de "tom" entre as elicitaciones de VH e as respostas

que elas suscitam. Neste caso, por exemplo, uma elicitación bem humorada suscita uma resposta bem humorada, cujo humor é marcado por um pronto sorriso de JA. Deverei ter mais a dizer a respeito do humor do programa tão logo discuta sobre o alto nível de ambivalência.

Um outro aspecto da presença de elementos de conversação e de entretenimento/atuação na mistura genérica é o modo pelo qual os expectadores são visados e construídos no programa. VH começa digirindo-se diretamente à camera da audiência, e depois ("*agora ...você me pareceu*") gira sua cadeira para o lado, olha para JA e dirige-se a ele. É uma característica comum desta parte do programa que, exceto por VH em determinados pontos da transmissão entre reportagem e discussão de estúdio, a audiência não seja visada e, de fato, há pouquíssima evidência de superfície que indique orientação à audiência ou que indique que as contribuições são dirigidas aos espectadores em lugar dos co-participantes. A conversa é mantida de modo ostensivo como se o estúdio fosse um ambiente privado e como se a conversa fosse particular. Isto é, evidentemente, apenas uma simulação complexa: como em todas as conversas televisadas, o programa é na realidade cuidadosamente preparado para sua audiência. É interessante que a simulação é, em determinando momento, referida por Robin Corbett, quando em forma de piada ele revela um segredo profissional, "*apenas dentro do estúdio porque eu sei que não irei a nenhum outro lugar*". Vincent Hanna é cúmplice da piada ao concordar com RC ("*não*"). O programa é construído como um espetáculo e não como uma interação com o expectador, e os expectadores são colocados na posição de voyeurs que observam subrepticiamente o "bate-papo" (incluindo uma quantia substancial de observação dos participantes de primeiro plano através da focalização da câmera). Porém, ao mesmo tempo, os expectadores são construídos na piada de Corbett-Hanna como aqueles que "conhecem" a simulação e a cena.

A mistura genérica que esbocei acima mostra o texto com significados contrários e complexos em termos das identidades, colocadas por/para os participantes e a audiência, do relacionamento entre os participantes, e entre os participantes e a audiência, e dos conhecimentos que são "constituídos" no texto. Deixe-me resumir alguns destes aspectos na medida em que eles aparecem no texto. VH apresenta uma identidade

composta, em parte, como entrevistador político, em parte como apresentador, e em parte como conversador; a identidade de JA inclui os dois últimos elementos mais, é lógico, o político, e a relação entre eles é conseqüentemente complexa (entrevistador-político, ato duplo, co-conversaço). Estas identidades e relações complexas juntas articulam os três domínios da vida política pública: a mídia como domínio do entretenimento e do lazer, e a vida privada. A articulação é ancorada e condensada em personalidades específicas. Estas identidades e relações complexas se realizam na linguagem usada, como co-ocorrência de significados e estilos heterogêneos, aos quais me referi com detalhes acima. Embora esteja enfatizando a contradição e a heterogeneidade, estas linguagens, identidades e relações podem, com o tempo, vir a ser naturalizadas (e, de fato, até certo ponto, provavelmente já o sejam agora). Os membros do público são, conforme sugeri, colocados como voyeurs, observando a conversa como um espetáculo de diversão, mas a partir dos elementos mais convencionais do discurso político presentes no programa, observam também como sujeitos políticos, como cidadãos.

Ambivalência

Uma das conseqüências da mistura de gêneros, à qual já me referi, é produzir um grande número de ambivalências. Gêneros são associados a princípios específicos de interpretação, de maneira que a interpretação de um dado texto lingüístico depende de como ela é genericamente contextualizada. Quando dois ou mais gêneros operam, a pergunta que surge é como se organiza uma hierarquia entre eles. Por exemplo, os intérpreters poderiam perguntar se o trecho acima, ou uma parte dele, é ainda "no fundo" uma entrevista política, para que princípios interpretativos associados à entrevista sejam aplicados.

A resposta de JA à primeira elicitacão de VH (linhas 3-12) servirá como ilustracão. Não estou certo se "no fundo" a tomo como uma resposta política convencional, uma defesa do seu líder, abrandada de maneira a acomodar-se às regras de base do programa, ou como uma representacão, uma diversão, onde a audiéncia é convidada a participar da piada de JA que obedientemente assume a defesa de Major. Deixe-me propor

primeiramente uma leitura de acordo com os princípios interpretativos de uma entrevista política. Como um político em campanha de eleição, JA está sujeito a defender seu líder contra ataques. Entretanto, na informalidade gerada pela conversa do estúdio, ele não pode solenemente defender o que, no senso comum, é considerado como sendo indefensável - "fococas" eleitorais. Avaliando positivamente a atuação de Major de uma forma indireta, metafórica e humorada em *"bem, eu daria um Oscar a ele ... de uma forma justa"*, ele pode conciliar estas demandas conflituosas. O resto da contribuição de JA (de: *"pareceu-me ansioso para ver a coisa toda"*) parece, em comparação com esta, uma defesa mais séria de Major. Apresenta-se muito defensivo (observe a "pouca afinidade" das modalidades: *"pareceu-me"*, *"eu pensaria"*, *"provavelmente"*, e os "atenuantes"⁴ *"ou melhor"*, *"quero dizer"*, e *"você tem que admitir"*). Nesta resposta de JA há ainda, como VH o aponta, uma certa qualidade nervosa, que se observa na repetição e no ritmo da expressão. Mas a aparente mudança para um "tom" mais sério é compensada pelo fato de JA continuar a sorrir todo o tempo e pelos marcadores lexicais de contínuo humor (*"os rapazes de Brixton"*, *"aventura"*). O nervosismo, segundo esta leitura, poderia indicar o ato de equilíbrio que JA está tentando, agravado talvez pelas intervenções potencialmente desorganizadoras nas quais VH parece aventurar-se em dois momentos (linha 10) e o desligamento que VH expressa ao dizer *"Sim"* na linha 7. Alternativamente, entretanto, alguém poderia ler as respostas de JA de acordo com a interpretação dos princípios de diversão; como uma piada que depende do nosso reconhecimento de que JA assume o ato político de defender seu líder, sendo que as marcas evidentes de estar na defensiva e as de nervosismo (bem como a frase *"de forma justa"*) são pistas que nos ajudam a "ver" a piada.

Há uma ambivalência semelhante a respeito da segunda elicitación (*"esquivando-se nervosamente da pergunta Jonathan"*, linha 16). Como a primeira, não é uma pergunta

⁴ As modalidades podem ser diferenciadas em termos de graus de afinidade do falante - veja Hodge e Kress (1988). Um atenuante é um dispositivo para qualificação, diminui a forma de abrandar um enunciado - veja Brown e Levinson.

mas um comentário à resposta de JA. Numa leitura, VH "no fundo" está desempenhando seu papel de entrevistador sancionando a falta de resposta de JA à pergunta, mas abrandando a sanção com humor, com uma formulação indireta e pelo uso do primeiro nome, de acordo com o ethos do programa. Numa outra leitura, não está acontecendo uma verdadeira sanção; trata-se apenas de uma brincadeira para tomar e dar o turno de volta.

Disfluência

O programa é caracterizado por uma grande incidência de disfluência. As disfluências parecem registrar as dificuldades que os participantes enfrentam tentando negociar com a mistura de gêneros do programa. A contribuição de RC segue a interação entre VH e SH a respeito de uma precisa advertência feita por Paddy Ashdown a um jornalista, que termina numa pausa demorada e aparentemente desconfortável. Não fica claro se RC toma para si mesmo o resgate ou se VH nomeia-o, de forma não-verbal, a fazê-lo - VH, de fato, parece voltar-se para RC durante a pausa.

- 1 RC: bem irritadiço Paddy Ashdown lá . eh quero dizer que tenho uh uma simpatia secreta por ele exceto é lógico que . uhm nós: . precisamos alimentar este monstro . a televisão . a fim de tentar e . arranjar um punhado extra de votos e você está você está bem certo . uh a maioria de nós irá : uhm - coisas . as coisas
- 5 mais improváveis fora de um período de eleição . para : apoderar-se de uma manchete ou melhor ainda conseguir dez segundos . de filme . mas . uhm. eu eu concordo neste sentido eu acho que . uhm.. eu não acho que uh . Paddy deveria ter dito exatamente aquelas palavras mas acho que haja uma linha a ser determinada em algum lugar, um julgamento a ser feito .. é errado quando digo
- 10 que é nossa eleição e não sua . nossa e dos eleitores mais que da televisão.
- VH: bem eu - eu quero dizer que você não está errado em dizer qualquer coisa neste programa (riso) você pode dizer o que quiser, quero dizer que espero que seja a eleição dos eleitores.

A transcrição somente capta parte do que está acontecendo, mas a disfluência de RC é evidente, no entanto, no número e na localização de pausas sonoras ("uh", "uhm") e não sonoras, nos falsos inícios e nos anacolutos (construções que são iniciadas e abandonadas, e.g. linha 10). A abertura de RC ("*bem irritadiço Paddy Ashdown lá eh*") parece ser uma piada que não evolui, e daí em diante ele se manifesta lutando para construir uma contribuição coerente; seu desconforto é ainda registrado num momento por uma olhada perturbada e ansiosa de VH. Uma indicação da falta de controle de RC é que ele efetivamente pede o julgamento de VH sobre se o que parece ser seu ponto principal é legítimo ("*é errado quando você diz esta eleição é nossa e não sua*"). Isto talvez seja um apelo de ajuda, pedindo para que VH o resgate de seu desconforto discursivo (o que ele não faz).

Além dos momentos de disfluência, há pontos no programa onde os participantes aparentemente fracassam em cumprir as regras de base e o ethos. Considero estes momentos junto com as disfluências porque também são indicativos das dificuldades que os participantes têm em negociar as expectativas complexas do programa. Nessas ocasiões, às vezes, há evidência dos dispositivos de sanção destinados a manter os participantes em ordem. O trecho que segue inclui a reação de RC à atuação de Major na transmissão da eleição dos Conservadores.

- 1 RC: Eu não a - eu ficarei muito surpreso se aquele filme feito na base de frases
soltas que eu vi consegue alguma indicação para o Oscar . a coisa é uma piada ..
é uma completa piada .. um cara no banco traseiro e um carro com motorista .. uh .
tentando transmitir a mensagem você também pode meu bem se você votar nos
5 Tory . eu não acredito.
VH: Simom Huges

SH aquele . clip especial do filme pareceu bem terrível . eu tenho que
dizer

/gargalhando#

RC faz um duro ataque à transmissão da eleição, que parece ser tratado como "passando dos limites" em termos das regras de base e ethos do programa. Talvez a 'mensagem' exageradamente atuada - *"você também pode fazer isto, meu bem, se você votar nos Tory"* - seja uma tentativa de abrandar o ataque com humor, mas não parece dar certo, por não haver um reconhecimento audível ou visível da piada. Não há resposta de VH para o ataque de RC - talvez seja uma indicação de que foi embaraçoso ou repreensível no contexto do programa - e VH, após a pausa que talvez seja demorada o bastante para ser desconfortável, muda de repente para as convenções de um painel de entrevista política, através da simples indicação de SH como o próximo orador. A contribuição de SH começa com uma crítica de calculada moderação (em termos de ritmo do pronunciamento), e abrandada (através de atenuantes - *"bem terrível"*, modalização - *"eu tenho que dizer"*, e sua gargalhada - *"de dizer"*) crítica da transmissão que se adequa ostensivamente ao que penso serem as regras de base do programa - esse tipo de ataque político devia ser abrandado. Isto parece um modo de SH dissociar-se do ataque não moderado de RC e colocar o programa de volta nos eixos. O exemplo ilustra como os participantes podem ser pegos tentando negociar a demanda complexa da mistura de gêneros, e também a disponibilidade de dispositivos de sanção para manter os participantes na linha com as regras de base e o ethos do programa.

Uma outra ilustração de dispositivos de sanção, mas também dos modos pelos quais um participante pode tentar eliminar a sanção é a seguinte:

- 1 SH: mas há - há uma coisa interessante quero dizer eu acho que . certamente o Partido dos Trabalhadores da última vez eu entendo desta vez . e parece que a última vez que Tory Party e desta vez . estão exibindo a maioria das aparições de seus líderes
- 5 VH: (não-claro) o que você quer dizer com exibindo
- JA: não finja que Paddy Ashdown não esteja

- SH: [exibindo coisas (não-claro)
[bem, bem não é uma forma levemente diferente o que quero dizer é que o Partido do Trabalhador tinha buscado apenas [membros das reuniões do
10 partido, apenas [das reuniões . e e Neil Kinnock foi
JA: [hm [hm
VH: [sim
SH: visto apenas na frente de seu [próprio pessoal . e isso deu a impressão
RC: [sim sim
15 SH: de solidariedade e apoio . e a Sra. Thatcher novamente geralmente tinha uma oportuni[dade cuidadosa, pré-definida
VH: [é
(de fato) por motivos [de segurança
JA: [hm
20 SH: no no caso dela . muito mais que do líder da oposição . é justo dizer . parece que se John Major no turno . novamente dos membros militantes . que não vão ser hostis lançando perguntas hesitantes. Tenho que dizer que eu acho que o Paddy não se colocaria naquela situação . as reuniões certamente . os lugares que estou ciente de que . ninguém poderia aparecer
25 VH: [Quer dizer que é arriscado, é arriscado
[bem bem é possível mas então ele é apenas um dos três líderes do partido
[que estão treinados para arrasar
SH: / bem sim [e talvez aquele #
[ele seja o único que tenha conseguindo problemas
30 JA: uma multidão

SH parece ter muitos problemas preparando a base para o que pode ser construído como um ataque político que segue até o final desta contribuição. Primeiramente, pedindo a palavra para o ponto que ele quer salientar, ele o coloca como "*uma coisa interessante*", o que implica que ele está prestes a fazer uma contribuição mais analítica

que de ataque. Em segundo lugar, as alegações de SH são modalizadas de forma cuidadosa e cautelosa: "entendo" na linha 2, "parece" na linha 2 com sentido de aparência de primeiro plano através de "parece que é" muito enfatizado, e com queda na entoação; "parece como se" na linha 20, e "tenho que dizer" e "acho" (uma espécie de modalização dupla) na linha 22. Em terceiro lugar, SH desce o tom de sua colocação com atenuantes: "levemente" na linha 15, "geralmente" na linha 15. No entanto, suas alegações acerca de "exibindo" são precisamente desafiadas na linha 4 por VH e JA. Após todos os participantes parecerem estar trabalhando no restabelecimento do tom de uma discussão razoável à resposta audível de outro participante (linhas 13, 15), a explicação conciliadora de SH nas linhas 7-15 sinaliza a aceitação e acordo; a intervenção de VH na linha 16 é mais um esclarecimento de apoio que um desafio, e, novamente, SH é conciliador na sua resposta e aceita a razão de VH ("justo dizer"). Não há respostas audíveis de outros participantes no resto das contribuições de SH até que VH interrompa SH com uma piada, seguida por uma outra de JA que também interrompe SH, e reduz seu ganho político. Todos os participantes - SH no traçado de suas contribuições cautelosas e os outros em suas respostas - demonstram nesta troca uma orientação para as regras de base do programa para o delicado equilíbrio que elas exigem entre política séria (e especialmente partidária) e bate-papo; a primeira sendo tolerada só em pequenos estouros, preferivelmente, abrandados pelo humor. A mensagem implícita é que uma discussão razoável, bem intencionada e não partidária é aceitável (em moderação), mas os ataques partidários não são, principalmente, quando não são abrandados, tornando-se assim um alvo frágil para o ataque humorístico.

Discurso político midiático: uma nova hegemonia?

O que sugiro é que o programa *Midnight Special* se caracteriza por ser uma prática discursiva complexa, envolvendo uma mistura de gêneros e discursos de política, conversação e entretenimento; esta complexidade se realiza através de significados textuais heterogêneos e contraditórios (identidade, relações e conhecimento) e de formas; e leva, do lado da produção do texto da prática discursiva, às disfluências e outras

dificuldades de gerenciar as demandas complexas desta forma híbrida, e, do lado da recepção do texto, leva a uma considerável ambivalência.

Quero agora comentar como estas propriedades relacionam-se com a prática sócio-cultural que a prática do discurso e do texto envolvem. Há algumas dificuldades em fazê-lo, principalmente, dentro dos limites de um trabalho curto. Primeiramente, um apanhado do contexto social nos vários níveis de generalidade que podem ser relevantes para atingir uma compreensão das características discursivas e textuais do programa, arrisca ter muitas facetas e ser por si só altamente complexo. Não posso fazer mais do que identificar temas amplos aqui. Em segundo lugar, uma análise completa necessitaria de uma generalização do discurso político contemporâneo enquanto uma ordem do discurso, e também da comunicação política, mas todo este trabalho de fato se refere a um único programa que é ilustrativo só de uma tendência especialmente significativa que marca a emergência de uma nova hegemonia no discurso político, mas isto pode obviamente ser mais do que uma hipótese.

Sugiro que a prática do discurso, ilustrada por este programa, seja uma parte significativa de uma mudança da prática social que envolve, nos termos de Habermas (1989), uma "transformação estrutural da esfera pública da política". Um aspecto desta transformação é a re-estruturação das relações entre a esfera política tradicional, a mídia como domínio de entretenimento, e a vida pública. A vida pública, incluindo importantes elementos no processo político, tais como conferências, eleições e procedimentos do Parlamento, tornou-se cada vez mais aberta à cobertura da mídia. Entretanto, há uma contradição e um vazio entre a natureza pública da produção da mídia e das fontes da mídia, e a natureza privada da recepção da mídia, que se dá dentro de casa e da vida da família. O vazio foi transposto, conforme o trabalho de Cardiff e Scannel mostrou recentemente (Cardiff 1980, Scannel, 1992), por uma progressiva (se não, até mesmo, total) acomodação das práticas e discursos públicos em relação à condição privada de recepção. Uma consequência deste movimento foi a "domesticação" (Cardiff) ou "conversacionalização" (Fairclough) do discurso público midiático - embora tenha sugerido anteriormente que há ainda condições culturais mais gerais favorecendo a conversacionalização, que, de forma alguma, é limitada à mídia (Fairclough, 1994). Ao

mesmo tempo, o consumo da mídia tem envolvido a atividade de lazer como um importante elemento, através do qual o público espera relaxamento e entretenimento, e no qual o público está sendo construído progressivamente como consumidor ao invés de cidadão. O "bate-papo" surgiu como um gênero no qual a versão institucionalizada da prática discursiva privada, a conversação, torna-se forma de diversão.

A midiaticização da política provocou a mudança da mídia como mera transmissora de eventos políticos que ocorrem em qualquer lugar e cuja natureza era independentemente determinada, para a mídia como geradora de seus próprios acontecimentos políticos (entrevistas, debates, programas como o *Midnight Special*), sendo os eventos políticos refeitos para adaptar-se ao interesse da mídia. A revalorização da vida comum e suas práticas na mídia combinam com a desvalorização das práticas públicas, formais, impessoais, demagógicas e assim por diante. Conseqüentemente, podemos talvez ver uma re-estruturação da hegemonia na esfera da prática política e do discurso político que está colocando o discurso político informal, conversacional e de lazer como ilustrado pelo *Midnight Special* numa posição crescentemente dominante na ordem do discurso da comunicação política e do discurso político em geral. Há nesta conexão uma qualidade paradoxal para o programa: um de seus temas principais é eliminar o "blá blá blá" das transmissões das eleições e dos partidos políticos, o que JA, neste trecho, chama de "showbusiness"; uma coisa da qual os participantes partilham é uma visão clínica da política naquela forma. E no entanto o programa em si se apresenta como uma forma de "showbusiness", como uma encenação, uma atuação. Considero uma prova, altamente significativa da mudança de dominância produzida dentro da ordem política do discurso, o fato de que as formas mais tradicionais de atuação política atraem o riso geral, enquanto outras formas emergentes são aparentemente aceitáveis.

O que está em pauta na re-estruturação da ordem do discurso político é de natureza política em um sentido fundamental, incluindo: crenças políticas, conhecimentos, práticas e representações; identidades políticas e relações políticas. Em termos de crenças e conhecimentos, há ainda pouco espaço para debates sérios sobre questões políticas, que, atualmente, se apresentam somente de forma rápida e ambivalente. Em termos de identidades, os políticos são reconstituídos como indivíduos e personalidades

"reais" (um conceito que, com o "bate-papo", atravessa tanto o reino da diversão pública quanto o reino privativo), e o público político é reconstituído como voyeur e consumidor de espetáculo, embora "conhecendo" ao mesmo tempo as convenções e ilusões do novo jogo político. Em termos de relações políticas, os políticos e o público são construídos como co-membros de um domínio privado de cultura, cujos valores dominantes são o aspecto comum, a informalidade, a autenticidade e a sinceridade. Questões sobre veracidade e autenticidade tornaram-se, talvez, mais salientes aqui do que questões sobre verdade⁵.

As características do programa que observei acima, na discussão das disfluências, são de interesse agora. Por um lado, elas talvez indiquem a tolerância das disfluências e julgamentos errôneos na nova esfera do discurso político, mas, por outro lado, elas talvez sugiram os riscos para os políticos que ficam de mãos dadas com as oportunidades oferecidas pela sua nova disponibilidade e visibilidade (Thompson, 1990:247). Os políticos estão certamente perdendo seu tom místico e sua autoridade tradicional, embora este não seja talvez um desenvolvimento que possa ser explicado apenas pela evolução da política transmitida; houve uma mudança mais geral, ou uma aparente mudança, que tira a autoridade de grupos profissionais tais como professores, médicos e advogados, bem como dos políticos, que foi considerada por alguns autores como estando associada a uma mudança que coloca a autoridade nos consumidores, na "sociedade de consumo" (Keat, Whiteley e Abercrombie, 1994).

As mudanças que estou apontando, e que são ilustradas no *Midnight Special*, têm, eu acredito, uma natureza ideológica. Muitas análises ideológicas da mídia centraram-se na estabilidade e reprodução, mas as análises da mudança que a mídia produz com programas de tipo relativamente inovador, como este, permitem investigar a emergência

⁵ Nos termos de Habermas, 1984, algumas partes da mídia são talvez manifestações de uma mudança na saliência relativa da validade implícita das alegações a favor da veracidade e da sinceridade, às expensas da verdade. Agradeço a Martin Montegomery e Sandra Harris, por suas contribuições na conferência mencionado na nota 1.

de ideologias. Sugerindo que, por exemplo, as representações da política tradicional, as identidades e as relações estabelecidas para os políticos e para o público político neste programa sejam ideológicas, assumo que (a) há diferença entre a realidade da prática política e sua representação na mídia e (b) suas representações na mídia estão capacitando uma prática política real, especialmente (c) ajudando a sustentar as relações de dominação que estruturam as práticas reais. Tenho alguma simpatia para com Pilger (1992) quando afirma que à aparente crescente abertura e transparência do processo político subjaz um estado cada vez mais oculto que está cada vez mais envolvido em operações encobertas, e subjaz uma sociedade cada vez mais disciplinada. À esta luz, a re-estruturação da ordem do discurso político tem uma função mais legitimadora que uma função de democratização, embora a ambivalência da conversacionalização, à qual eu me referi acima, impeça interpretações em branco e preto.

Tradução: Cibele Mara Dugaich

BIBLIOGRAFIA

- Abercrombie, N. Keat, R. Whiteley N. *The Authority of the Consumer*. Routledge
- Althusser, L. (1971) "Ideology and ideological state apparatuses". In *Lenin and Philosophy*. New Left Books.
- Bell, D. (1976) *The Cultural Contradictions of Capitalism*. Heinemann.
- Bernstein, B. (1990) *The Structuring of Pedagogic Discourse*. Routedge.
- Fairclough, N. (1989) *Language and Power*. Longman.
- Fairclough, N. (1992a) *Discourse and Social Change*. Polity
- Fairclough, N. (1992b) *Critical Language Awareness*. Longman.
- Fairclough, N. (1993) "Critical discourse analysis and the marketisation of public discourse: the universities", In *Discours and Society*.

- Foucault, M. (1979) *Discipline and Punish*. Penguin.
- Gramsci, A. (1971) *Selections from the Prison Notebooks*. Lawrence & Wishart.
- Habermas, J. (1984) *Theory of Communicative Action*. v. 1, Heinemann.
- Habermas, J. (1989) *Structural Transformation of the Public Sphere*. Polity.
- Hall, S. (1982) "The rediscovery of ideology: return of the repressed in media studies".
In M. Gurevith et al. (eds.) *Culture, Society and the Media*. Methuen.
- Halliday, M. (1978) *Language as Social Semiotic*. Edward Arnold.
- Halliday, M. & Hasan, R. (1985) *Language, Context and Text*. OUP.
- Kristeva, J. (1986) "Word, dialogue and novel". In T. Moi, *The Kristeva Reader*. Blackwell.
- Malinowski, B. (1923) "The problem of meaning in primitive languages". In Ogden & Richards, *The Meaning of Meaning*. Kegan Paul.
- Pilger, J. (1992) *Distant Voices*. Vintage.
- Scannell, P. (1991) *Broadcast Talk*. Sage.
- Thompson, J. (1990) *Ideology and Modern Culture*. Polity.
- Tolson, A. (1991) "Televised chat and the synthetic personality". In Scannell 1991.